FREUD e JUNG: O que a Emoção não Deixou Reunir[1]

Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana

Carlos Amadeu Botelho Byington[2]

Palavras-Chave: Psicanálise – Psicologia Analítica – Psicologia Simbólica Junguiana – defesa, fixação, compulsão de repetição, cena primária, complexo de castração – Complexo de Édipo e patologização da Psique – tabu de incesto – Teoria Arquetípica da História

Em primeiro lugar, devo dizer que falo de Freud e de Jung como os pais heróis de minha vocação. Ainda no curso médico, comecei minha análise com um psicanalista e logo me apaixonei pela obra de Freud. Estudei Psicanálise durante este período com a firme intenção de tornar-me psicanalista. Acontece que meu analista, "sem minha autorização", foi fazer análise com a Dra. Nise da Silveira. Ela havia conhecido a obra de Jung, ido fazer análise com ele e a Dra. Marie-Louise von Franz em Zurique e retornara ao Rio de Janeiro, onde se tornou a pioneira da psicoterapia com técnicas expressivas e da Psicologia Analítica no Brasil. Assim aconteceu que minha primeira análise, que estava no seu quarto ano, terminou, ou continuou, numa viagem a Zurique para me formar analista junguiano. Ao concluir meu curso de formação, escrevi uma tese intitulada *Autenticidade como a Dualidade na Unidade*. Nela incluí a noção de complementaridade entre as obras de Freud e de Jung, que me custou a ruptura com a Dra von Franz, a discípula erudita da obra de Jung e minha querida analista durante cinco anos. Ao retornar ao Brasil e fundar, com outros colegas brasileiros, a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, continuei minha criatividade no desenvolvimento da teoria psicológica incluindo a complementaridade entre as obras de Freud e de Jung, dentro de um referencial simbólico e arquetípico, que intitulo Psicologia Simbólica Junguiana. Nesta teoria, retorno à obra e à figura de Freud para nutrir-me e, ao fazê-lo, freqüentemente relembro a frase célebre da cultura francesa, que tanto desenvolveu a arte de amar: "voltamos sempre ao nosso primeiro amor" – *on revient toujours à son*

---

[1] Palestra de abertura do I Congresso Venezuelano de Psicanálise, a convite de Gonzalo Himiob, Luis Sanz, da Associação Venezuelana de Psicologia Analítica, da Escola Venezuelana de Psicologia Profunda e do Centro de Estudos Junguianos. Caracas, 10 de junho de 2005.

[2] Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.
e-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

.

premier amour. É dentro dessa perspectiva de afeto e gratidão que lhes falarei hoje sobre como vejo a problemática emocional no relacionamento destes dois gênios pioneiros da psicologia dinâmica.

Jung conheceu o pensamento de Freud possivelmente através da leitura da *Interpretação dos Sonhos* (1900), pois na sua tese de formatura em Psiquiatria – *Sobre os Fenômenos Ocultos* – citou-a três vezes.

O encontro pessoal entre eles, que durou treze horas, em fevereiro de 1907, na casa de Freud, em Viena, foi, no entanto, o grande marco que os reuniu num fascínio recíproco até 1913. O cerne da sua relação emocional e transferencial criativa e defensiva foi provavelmente o complexo paterno de ambos.

Freud, dezenove anos mais velho, aos 50 anos já havia edificado os pilares de sua obra monumental, que iria transformar a cultura com a introdução dos conceitos de inconsciente dinâmico e de evolucionismo psicológico. Seu problema, como judeu dentro da cultura alemã e médico neurologista formado na escola positivista de Helmholz, era a ratificação institucional dessas novas Psicologia e Psiquiatria, centralizadas na sexualidade, em uma tradição psiquiátrica na qual não militava e que era exercida dentro de uma cultura tradicionalmente cristã e moralista, com forte componente anti-semita. Nesse contexto, Jung tinha várias características para ser o filho ideal, herdeiro e divulgador da obra do pai. "... na noite em que eu o adotei como filho mais velho e o ungi *in partibus infidelium* (na terra dos infiéis) como meu sucessor e príncipe coroado...", escreveu Freud em 1909 (*Carta 139*). Além de ser o chefe de clinica do famoso Bleuler, que acabara de cunhar o termo esquizofrenia, e de chefiar o Burghölzli, em Zurique, um dos grandes centros de psiquiatria da Europa, Jung era filho de um pastor protestante, ou seja, melhor *goyn* não se poderia encontrar.

Jung, por sua vez, aos 31 anos, apenas começava sua extensa carreira. Somente havia escrito sobre questões psiquiátricas – o próprio tema do Espiritismo havia sido tratado como uma tese de Psiquiatria. O gigante, que nos 53 anos seguintes iria empregar o conceito de arquétipo para enraizar todos os fenômenos humanos, individuais e culturais, na imaginação criativa transcendente do instinto de individuação, era apenas um jovem médico psiquiatra muito inteligente e ambicioso.

Todos os componentes psicológicos dos complexos, símbolos e arquétipos são bipolares. A principal constituição arquetípica bipolar do complexo paterno é a paternidade e a filitute paterna, expressas dominantemente nas imagens do pai e do filho.

Por suas histórias de vida, podemos inferir que tanto Freud quanto Jung apresentavam limitações significativas resultantes de fixações dos seus complexos paternos mal elaborados.

A problemática de Freud com o complexo paterno, como sabemos, propiciou a descoberta genial do seu Complexo de Édipo. Primogênito, com cinco irmãs e um irmão dez anos mais jovem, numa tradição patriarcal que supervaloriza o homem, com uma linda mãe apenas 21 anos mais velha que ele, era muito difícil não sentir atração por ela, dentro da afetividade. Ao mesmo tempo, o pai, 20 anos mais velho que sua mãe, um pequeno comerciante, era um rival frágil diante de sua ambiciosa vocação acadêmica na competição normal entre filho e pai. A vivência do anti-semitismo na sociedade vienense e a dificuldade de um pai de família judáica para enfrentá-la, exemplificadas na adolescência de Freud, quando seu pai contou-lhe que havia sido humilhado na rua por um grupo de rapazes anti-semitas, que chegaram a derrubar seu boné, e que não havia reagido, possivelmente também contribuíram para a desidealização mal elaborada da figura paterna (Jones, 1953, vol.1, p. 22). A morte do pai quando Freud tinha 40 anos e a satisfação e a culpa que sentiu junto com a dor marcaram o caminho para a descoberta genial do Complexo de Édipo em si mesmo. Mas daí a concluir que todos os meninos, ao nascerem, já tenham inevitavelmente a tendência incestuosa e parricida como o instinto central do Id, parece-me uma generalização descabida.

A identificação de Freud com Édipo é impressionante, como ilustra um episódio relatado por Jones. No seu aniversário de 50 anos, os discípulos de Freud lhe presentearam com um medalhão, idealizado por Paul Federn, que trazia de um lado a sua imagem e do outro, Édipo diante da Esfinge, com a famosa frase de Sófocles: *aquele que decifrou o famoso enigma e foi um homem extraordinariamente poderoso.* Foi uma sincronicidade, pois, segundo Freud confidenciou muito emocionado aos presentes, ele, quando jovem, caminhando pelos corredores da Universidade de Viena, havia se deparado com vários bustos de antigos professores e fantasiado, exatamente com essas palavras, que um dia também seria célebre (Jones, 1953, vol.2, p.13). No entanto, seria essa identificação restrita exclusivamente ao lado genial e bem sucedido da personalidade de Édipo?

Ora, sabemos que a celebridade de Édipo ocorreu muito menos por ter ele decifrado o enigma do que por ter matado o pai, praticado o incesto com sua mãe, ter tido quatro filhos com ela e ter se automutilado, cegando-se, ao sabê-lo. Édipo só se torna existencialmente sábio depois do seu repúdio à guerra entre seus dois filhos e da peregrinação ao Templo

das Eríneas, das Fúrias, descrito por Sófocles em *Édipo em Colona*, a última peça da trilogia. Somente aí ele se consagra e é finalmente conduzido por Teseus para o Além.

O drama de Édipo nos transmite, então, um paradoxo que reúne a glória do intelecto coroada pela tragédia existencial. A homenagem dos discípulos com o medalhão deveu-se, certamente, à identificação de Freud com o lado da personalidade de Édipo que decifrou o enigma, mas, como relacionar com Freud o outro lado da personalidade de Édipo, que saiu da vitória intelectual para a mais fragorosa das derrotas no processo existencial?

Para tentar responder a essa pergunta ameaçadora para a glória de um tão grande gênio, necessitamos penetrar mais fundo no mito da Esfinge. Ela é a própria imagem do incesto, concebida com outros monstros no imaginário mitológico do período pré-olímpico da cultura grega. Sua mãe é a dragão Echidna, amante do seu próprio filho, o cão Orthos, irmão do cão Kerberos, de três cabeças, que guarda a porta do Hades. Seu corpo com garras e cauda de leão, cabeça de mulher, asas de águia e unhas de hárpia, expressa a monstruosidade que representa o incesto quando ele ocorre dentro da família e da cultura edificadas sobre o tabu de incesto (Kerényi, 1959).

Como bem descreveu Engels (1884), a partir da obra de Morgan (1861), a ausência do conhecimento da função paterna biológica na família grupal dos bandos caçadores-coletores impedia a existência do papel social do pai estabelecido na família patriarcal, que deu início à civilização. Emprego a terminologia matriarcal-patriarcal referindo-me a arquétipos que correspondem a padrões típicos de funcionamento da Consciência e não a uma organização antropológica da família, como fez Bachofen, ou mitológica, como fez Neumann (Byington, 2004).

Como formulei em minha Teoria Arquetípica da História (Byington, 1983), a dominância do Arquétipo Patriarcal que se seguiu à dominância do Arquétipo Matriarcal só se tornou possível com a conquista da moradia permanente e a fundação das cidades, ensejadas pela revolução agropastoril e pela estocagem de alimentos. Minha interpretação do significado da formação da família patriarcal, dentro da dominância histórica do Arquétipo Patriarcal, é que a organização social dela oriunda produziu naturalmente o tabu de incesto. Por conseguinte, o incesto e o parricídio tornaram-se imorais somente com a organização patriarcal da família e da cultura, que marcaram o início da civilização. Assim sendo, podemos supor que, no bando caçador-coletor, com organização familiar de dominância matriarcal, o estupro era habitual e a mulher provavelmente se relacionava com qualquer homem que a possuísse, independentemente do grau de parentesco. O parricídio, por sua vez, não seria proibido

simplesmente porque a figura social do pai não existia. Desta maneira, com o passar das gerações, os filhos resultantes acumularam todos os papéis familiares. Do ponto de vista desta Consciência Coletiva, nessa fase da cultura, isso seria natural e não haveria monstruosidade alguma.

No entanto, depois de estruturada a civilização baseada na família patriarcal e no tabu de incesto, esse relacionamento naturalmente indiscriminado e incestuoso tornou-se equivalente à monstruosidade e foi projetado, na Mitologia Grega, nas imagens de animais fantásticos que praticavam abertamente o incesto. Seguindo esta hipótese, a Esfinge seria a representação do incesto existente na dimensão matriarcal e que, na dimensão patriarcal da cultura, passou a ser vista como monstruosidade. Pelo fato de o tabu de incesto acompanhar a codificação da lei, podemos compreender a associação do incesto com o parricídio, pois ambos representam a transgressão máxima, respectivamente, da família e da sociedade patriarcalmente organizada. Nesse sentido, o símbolo da Esfinge, que vem punir Tebas pela degeneração dos costumes através do enigma do processo existencial intelectualmente decifrado por Édipo, inclui o incesto e o parricídio.

A palavra Esfinge vem da Mitologia Grega, que denominava o monstro de *Sphigks*, talvez aparentado com o verbo *sphiggo*, que significa *apertar* e que originou a palavra *esfíncter*, em Medicina. Por isso, Kerényi interpretava o significado da Esfinge como “aquela que aperta”, ou seja, como “a estranguladora”. (Kerényi, 1959) Dentro deste significado, podemos ver a Esfinge como a imagem arquetípica da fixação, genialmente descrita por Freud como o principal distúrbio da libido no processo de desenvolvimento.

O enigma da Esfinge é a pergunta sobre qual é o ser que caminha de quatro, no início; de dois, no meio; e de três no final. Ao decifrar o enigma como sendo o ser humano na infância, na vida adulta e na velhice, ou seja, ao definir a vida como processo de desenvolvimento, a Esfinge despenca no fundo do abismo. Se ela representa o incesto e o parricídio, os dois principais distúrbios do amor e da agressividade no desenvolvimento, e se Édipo a vence para depois afundar no incesto e no parricídio, este paradoxo pode significar que ele aparentemente a vence pelo intelecto, mas que a vitória intelectual é ilusória, pois, na realidade existencial, ela retorna do fundo do abismo para derrotá-lo. A falsa vitória do intelecto sobre a Esfinge representa, assim, a onipotência da Consciência racional que, ao descrever a vida, acredita controlá-la. Pensamos imediatamente na razão coroada em Paris pelo Iluminismo, na Revolução Francesa, e que logo a seguir naufragou no Terror. Mas, aplicada à identificação de Freud com Édipo, podemos pensar também no fenômeno do

insight como a maior desilusão da Psicanálise. De fato, a descoberta dos processos inconscientes deu origem à crença de que a simples compreensão racional desfaria qualquer sintoma e traria a sua cura, da mesma maneira que Anna O. despertou curada da fobia de água quando, hipnotizada por Breuer, lembrou-se que sua fobia se iniciara quando vira o cãozinho de sua governanta bebendo água de um copo em cima da mesa. Tão iludidos quanto Édipo, inúmeros psicanalistas passaram a tratar fóbicos, depressivos, portadores de ansiedades graves, adictos, pessoas com distúrbios de personalidade e até esquizofrênicos buscando a cura pelo *insight* através de análises até seis vezes por semana e interpretações exaustivas. Passavam-se meses e até anos. As interpretações pareciam corretas. Os pacientes chegavam até a verbalizar para amigos e familiares quais eram seus principais complexos inconscientes, mas a cura não vinha. Tudo era explicado pela resistência, nada pelo erro na teoria. Como Édipo, pacientes e analistas afundaram na patologia e na compulsão de repetição, e a Esfinge acumulou cada vez mais vitórias. Até hoje, a Psicanálise não ampliou a sua técnica de elaboração simbólica para ultrapassar a interpretação exclusivamente verbal e empregar qualquer uma das inúmeras técnicas expressivas não verbais utilizadas fartamente na Psicologia Analítica e em inúmeras outras escolas de psicoterapia.

Os gregos chamavam a onipotência de *hybris*, a arrogâncias dos homens que perdiam a justa medida e desagradavam aos deuses, sendo por isso castigados. A *hybris* de Édipo, do Iluminismo, da Psicanálise e da ilusão mágica do poder da palavra é arquetípica. De fato, o *cogito* cartesiano é vivenciado pela criança na própria aquisição da palavra: “falo, logo sou”. No entanto, é entre escorregões e quedas que ela aprenderá que é através das experiências da vida que “o Verbo se encarna”.

O enigma da Esfinge refere-se ao tempo e às etapas da vida. Como a genialidade de Freud descobriu e Édipo tragicamente aprendeu, é o processo de desenvolvimento existencial através das vivências que formam a Consciência, e não o contrário. Se Édipo houvesse compreendido o enigma que decifrou também na dimensão existencial e não apenas intelectual, talvez tivesse examinado melhor sua infância e a relação com seus pais em Corinto e descoberto a história real do seu processo existencial. Ao decifrar a Esfinge somente no nível intelectual e sentir-se onipotentemente conhecedor da verdade, Édipo teve que pagar o preço da tragédia para descobrir sua verdade existencial. Infelizmente, a Psicanálise está tendo que pagar a onipotência da interpretação racional com mais de um século de frustrações.

Precisamos lembrar sempre e de novo que Freud e Jung analisaram mutuamente alguns dos seus sonhos, mas que ambos nunca foram analisados. É de se esperar então que, apesar da genialidade dos dois, muitas de suas teorias apresentem defesas atuadas como racionalizações. Dentre essas defesas, podemos perceber a resistência em incluir as descobertas um do outro. Pela criatividade extraordinária deles, estas formulações teóricas podem conter grandes descobertas, mas, ao mesmo tempo, operam em seus processos existenciais como grandes defesas, exatamente como aconteceu com Édipo. O maior sintoma da atuação de suas defesas, no que diz respeito à relação entre eles, foi para mim a sua separação abrupta, em plena associação extraordinariamente criativa, **sem nenhuma elaboração emocional** e qualquer integração das suas diferenças. Perderam eles, por certo, mas, por serem os pilares da psicologia dinâmica, sua separação traumática afetou o campo da Psicologia de maneira fundamental. Ficaram polarizados no estudo do inconsciente pessoal e coletivo. Assim, não perceberam que a separação entre pessoal e arquetípico nem sempre existe, uma vez que a dimensão pessoal tem fundamentação arquetípica, a começar pelos símbolos do pai, da mãe e da criança bem como por todas as defesas descritas por Freud para formar o inconsciente pessoal. Por isso, devemos evitar acreditar que cada uma das teorias seja auto-suficiente e possa se desvincular das posições teóricas da outra, pois, quando assim fazemos, perpetuamos as limitações dos dois gênios e paralisamos a Psicologia nas suas fixações. São congressos como este que nos ajudam a perceber e a buscar ultrapassar as cisões e lacunas por eles deixadas.

A meu ver, a principal conseqüência teórica da elaboração insuficiente do complexo parental de Freud foi sua descrição do Complexo de Édipo, genialmente descoberto em si mesmo, como normal e existente em todas as crianças. Qualquer analista principiante não teria a menor dificuldade em perceber a racionalização se alguém lhe dissesse que tem um problema, mas que todas as crianças nascem com ele. Essa racionalização confundiu extraordinariamente o normal com o patológico e toda a teoria do desenvolvimento da personalidade, ao postular que toda criança nasce perverso-polimorfa e precisa ser reprimida para sublimar seu Complexo de Édipo, formar seu Superego e civilizar-se.

Este enfoque é muito diferente do enfoque arquetípico, que percebe a função estruturante do complexo parental com infinitas vivências de relacionamento entre cônjuges, pais e filhos, que, **quando fixadas**, podem originar o Complexo de Édipo, que Freud observou em si próprio.

Ao abandonarmos a teoria do perverso-polimorfo, percebemos que, da mesma forma que a monstruosidade da Esfinge, esta denominação expressa o preconceito da dominância patriarcal sobre o matriarcal, identificada com o desejo parricida e perverso. No entanto, se admitirmos com Erich Neumann que a primeira infância é dominada pelo Arquétipo Matriarcal e que, a criança, assim como a cultura, ao passar para a segunda infância entra na dominância patriarcal, devemos teorizar como isso se faz sem a sublimação do perverso-polimorfo para formar o Superego. De fato, é forçoso admitir que a dominância matriarcal na primeira infância ocorre em meio a todas as fantasias possíveis, que incluem as tendências incestuosas e parricidas. No entanto, quando a criança passa pela educação esfincteriana, a aquisição da fala e a socialização, sob a hegemonia patriarcal implantada com a aquisição do tabu de incesto, da lei e da organização social, é necessário separarmos as transformações que trazem a sócio-sintonia e as fixações que as impedem e que geram distúrbios do complexo parental, como aquelas presentes no Complexo de Édipo. Quando imputamos à criança o dinamismo perverso-polimorfo e edipiano já ao nascer, patologizamos seu Id *a priori* e criamos grandes problemas teóricos e práticos para perceber a anormalidade inerente às fixações e defesas durante o processo de desenvolvimento de dominância matriarcal e da sua passagem para a dominância patriarcal. Quando assim fazemos, reduzimos o Arquétipo Matriarcal e o identificamos com o desejo imaturo e desregrado e também criamos enormes dificuldades para conceber o funcionamento exuberante e criativo do dinamismo matriarcal **durante** o funcionamento da dominância patriarcal na segunda infância e no resto da vida. Como tenho buscado demonstrar, a partir da adolescência os arquétipos da Anima e do Animus passam a operar dentro do Arquétipo da Alteridade, que conjuga a interação dialética do Arquétipo Matriarcal, com o desejo e a sensualidade, e do Arquétipo Patriarcal, com a organização e a lei.

A dificuldade de Freud perceber o Complexo de Édipo como uma variedade patológica das inúmeras características do complexo parental impediu-lhe de ver o complexo parental como a primeira e principal imagem arquetípica das incontáveis polaridades que permearão a elaboração simbólica de todo o processo de individuação no decorrer da infância, da maturidade e da velhice, como indicava o enigma da Esfinge.

Podemos dizer que, se de sua parte, Freud atuou o lado *senex* do complexo paterno, fixado no Complexo de Édipo, Jung, por sua vez, atuou o lado *puer* na mesma fixação. É fato conhecido como a relação de Jung com seu pai foi problemática desde o início da vida,

sobretudo em relação à posição dogmática da sua religiosidade. A esse respeito, a visão de Jung, na entrada de sua adolescência, é muito ilustrativa de seu complexo paterno negativo.

Um dia, ao voltar da escola para casa, Jung teve uma visão de Deus defecando e espatifando a Catedral da Basiléia. Esta visão, que muito o abalou, foi por ele e por muitos junguianos interpretada como sua revolta contra a religião dogmatizada na busca do Deus vivo, que caracterizou sua religiosidade. Ao associarmos a Catedral da Basiléia com o símbolo maior do Protestantismo, do qual seu pai era ministro, e pensarmos que Jung estava entrando na puberdade, é inevitável relacionarmos sua visão com um complexo paterno intensamente negativo, que provavelmente se constelou na relação com Freud. “Eu o considerava uma personalidade superior, na qual projetava a imagem do pai” (Jung, *Memórias, Sonhos e Reflexões*).

É inegável que a discordância quanto à natureza sexual da libido, da qual Freud nunca abriu mão, foi o ponto teórico central da ruptura, mas só a carga emocional subjacente a ela pode explicar sua forma intempestiva e por que tantas outras características das duas obras foram mantidas separadas, quando muitas delas não o são.

A maior resistência da Psicanálise à teoria junguiana centralizou-se, a meu ver, no conceito de arquétipo. No entanto, nenhum psicanalista nega que as funções psíquicas como a projeção, a introjeção, a identificação e todas as funções descritas como mecanismos de defesa, como a repressão, a formação reativa, a transferência, a resistência e a compulsão de repetição inexistam em algum ser humano ou em qualquer cultura isto é, que elas sejam arquetípicas. De fato, o conceito de inconsciente coletivo e de arquétipo é não só compatível como subjacente à teoria psicanalítica. Caso essas estruturas fossem aceitas como arquetípicas, seria muito mais fácil vê-las operando ora na normalidade e sem fixações, ora defensivamente, com fixações, o que as caracterizaria como funções estruturantes arquetípicas. Nesse caso, elas operariam normalmente na Consciência, como funções estruturantes não fixadas, ou no inconsciente reprimido, como funções estruturantes fixadas e defensivas, reunindo as duas obras em torno da transferência. Quando lemos a *Psicologia da Transferência*, de Jung, e a comparamos à transferência neurótica, descrita por Freud, achamos, à primeira vista, que uma não tem nada a ver com a outra. No entanto, se as reunirmos como funções estruturantes arquetípicas, a de Jung, criativa, e a de Freud, defensiva, percebemos claramente que as duas se complementam extraordinariamente bem para explicar o relacionamento humano normal e patológico: a transferência criativa de Jung,

aplicada à busca do desenvolvimento pleno na Individuação, e a transferência defensiva de Freud, aplicada à fixação e à projeção das defesas.

Da mesma forma, a percepção arquetípica da cena primária, do complexo de castração e da compulsão de repetição também podem expandir seu valioso conteúdo para o contexto existencial individual e coletivo e sair do redutivismo dentro do qual costumam ser empregados.

A reação teórica de Jung à ruptura também foi muito significativa, a começar por haver descrito o funcionamento dos arquétipos e todo o processo de individuação somente na segunda metade da vida, sem ter nada a ver com a formação do Ego. Coube aos seguidores de Jung, como Jolande Jacobi, Michael Fordham e Erich Neumann descrever a formação do Ego a partir dos arquétipos e o processo de individuação desde o início da vida. A falta de percepção de Jung para a formação arquetípica do Ego antes dos seus seguidores aparece, assim, como uma possível reação fóbica à obra de Freud.

Outra grande limitação da Escola Junguiana me parece ser o problema da formação e da natureza da Sombra, oriundo da relutância em incorporar a genial descoberta de Freud da fixação e da formação das defesas. Nesse sentido, a teoria dos complexos da Psicologia Analítica ficou muito aquém da teoria das defesas da Psicanálise para descrever a Sombra e o Mal na Psique. Tivesse Jung empregado a noção de fixação e de defesa à sua teoria dos complexos, não teria reduzido a Sombra ao mesmo sexo do Ego e os símbolos do sexo oposto aos Arquétipos da Anima e do Animus. Essa relutância tem a pertinácia das defesas de cunho emocional e limitou muito a psicopatologia e o estudo da ética na Psicologia Analítica e a própria interpretação de Jung dos fenômenos históricos e, sobretudo, do Cristianismo.

Apesar de a Psicanálise ter, freqüentemente, confundido o normal e o patológico, a começar pela descrição do Complexo de Édipo e da recomendação de sua repressão para sublimá-lo e formar o Superego, o conceito de fixação aliado ao de defesa, sobretudo ao da resistência e da compulsão de repetição, são contribuições centrais arquetípicas para a formulação da psicopatologia psicodinâmica, ou seja, daquela que considera a importância dos processos inconscientes. Ao não incorporá-las sistematicamente na formação da Sombra, a Escola Junguiana freqüentemente reduz a Sombra ao que é incompatível com a Persona e a Consciência com o mesmo gênero do Ego. Essa perspectiva, no entanto, presta-se a enorme confusão teórica quando se interpreta símbolos valiosos da Sombra, caso em que ela é tida como positiva, em contraposição a situações em que ela é julgada

negativa ou destrutiva. Quando levamos em conta o fenômeno da fixação na formação das defesas, da compulsão de repetição, da resistência e da Sombra, isso não faz o menor sentido, posto que **todos os símbolos e funções** fixados na Sombra têm valor, são bissexuais e necessários ao processo de individuação.

O mesmo acontece na concepção da ética e do Mal, que Jung tanto valorizou, mas que, ao deixar de lado os conceitos de fixação e de defesa, tornou-os, em muitos casos imprecisos e confusos. Assim, Jung formulou muitas vezes a ética, situando-a em função do processo de individuação, mas sem precisar suas disfunções e como se forma o Mal. No seu livro *Aion* chegou mesmo a falar do Mal Absoluto, mas sem fundamentá-lo cientificamente. Em meio a essa confusão conceitual, para enfatizar sua crença na existência do Mal, Jung empreendeu uma verdadeira cruzada contra a Doutrina do *Summum Bonum* da Teologia Católica, que afirma Deus ser bom e o Mal ser a Sua privação (*privatio boni*). Ora, quando admitimos a Sombra como o Mal, originada nas fixações da elaboração simbólica, vemos claramente que ela não está nem no arquétipo nem no genoma ao nascer, e sim, que ela se forma como uma fixação do arquétipo (*Privatio Boni*) durante o desenvolvimento. Nesse caso, o Arquétipo Central, que dá origem à imagem de totalidade expressa pelo conceito de Deus nas religiões, tem o potencial para a realização plena (*Summum Bonum*) e é a sua disfunção durante a elaboração que gera a Sombra e o Mal.

Outra conseqüência séria na obra de Jung pela falta de adotar o conceito de fixação e de defesa, apesar de ele tê-los conhecido fartamente com Freud, foi a sua dificuldade de assinalar e diferenciar claramente os aspectos positivos e negativos nos fenômenos culturais, aproveitados com má-fé, por exemplo, por aqueles que quiseram vingativamente desqualificar Jung com a pecha de anti-semitismo por haver deixado a Psicanálise. Esta limitação custou caro a Jung em muitos mal-entendidos graves, como foi, por exemplo, sua interpretação arquetípica do Nazismo através da imagem arquetípica guerreira de Wotan. Não há dúvida que ela existiu dentro do militarismo tradicional da Alemanha, mas deixar de computar junto com essa imagem a terrível fixação psicopática histérica que caracterizou a personalidade de Hitler e o Nacional Socialismo deu margem a que ele fosse injustamente massacrado com a acusação de anti-semitismo e de simpatizante do Nazismo.

A interpretação do Cristianismo, junto com sua crítica e apologia, foi um tema precioso, tratado extensamente por Jung durante sua obra. A falta do emprego das diferenças entre as funções psíquicas não fixadas e fixadas, mais uma vez prejudicou muito suas ponderações, porque considerou como uma coisa só e não diferenciou entre a pujança

criativa do Mito original e a patriarcalização fixada e defensiva do Mito durante sua institucionalização, que tanto o deformou a ponto de a Igreja criar a Inquisição, que torturou e assassinou em nome do Messias da compaixão. Tivesse Jung acolhido e empregado os conceitos de fixação e de defesa descobertos por Freud, teria certamente analisado melhor os inúmeros temas culturais que abordou, inclusive sua divergência básica com seu pai, localizada entre a posição dogmática, estagnada, fixada e defensiva da instituição e a posição mística viva e pujante do Mito, ambos como expressões do Cristianismo.

Quero parabenizar os idealizadores deste Congresso e agradecer mais uma vez o gentil convite para dele participar, pois este caminho do diálogo institucional pelos seguidores dos dois grandes pioneiros, incluindo a valiosa obra de um seguidor de Freud tão importante quanto Lacan, é sem dúvida a maneira de prestigiarmos a sua criatividade, empregando suas próprias conceituações e descobertas para fertilizar mutuamente a Psicologia naquilo que suas limitações pessoais e emocionais não deixaram reunir.

Sinopse

O autor descreve a problemática emocional da relação Freud-Jung centralizada no complexo paterno negativo de ambos e busca relacionar, na obra dos dois pioneiros, as repercussões dessas defesas, que até hoje limitam a Psicologia dinâmica.

Diagnostica a natureza defensiva da separação pela ruptura abrupta, sem nenhuma elaboração posterior, de uma associação em plena criatividade. Reconhece que o redutivismo de Freud da libido à sexualidade foi muito importante para a separação, mas que não justifica o radicalismo e a precipitação com que ela ocorreu, face a tudo o que restou para rever e reunir num denominador comum.

O complexo paterno negativo é resumidamente examinado nas personalidades de Freud e de Jung, bem como as limitações dele resultantes nas suas obras. O autor acredita ser um problema emocional dos seguidores de ambos considerarem as duas teorias simplesmente diferentes, autônomas e sem necessidade de qualquer interação dialética. Para finalizar, o autor elogia a organização do Congresso, pelo fato de ela propiciar essa troca, a qual julga indispensável para o desenvolvimento da Psicologia Profunda.

Abstract

Key words: Psychoanalysis – Analytical Psychology –Jungian Symbolic Psychology – defense, fixation, repetitive compulsion, primal scene, castration complex– Oidipus Complex and pathologization of the psyche –incest taboo – Archetypal Theory of History

The author describes the emotional limitation of the relationship between Freud and Jung centered on a negative father complex and tries to point out their theoretical consequences on depth psychology.

The author recognizes that Jung's concept of libido as psychic energy was crucial for his separation from Freud, but he also sees a defensive aspect of their separation in its abrupt and radical occurrence without any further symbolic elaboration.

A negative father complex is described in both personalities as well as in their work illustrated by Freud's conception of the Oidipus Complex and Jung's difficulty to associate the defensive with the archetypal dimension in shadow formation. Attention is called to the emotional limitations of those followers of both schools, who consider them radically different, without any necessity to continue the dialectical interaction of their theory and practice so necessary for the development of depth psychology. The Congress is praised by the author because it propitiated this interchange.

Referências Bibliográficas

BYINGTON, Carlos A. B. (1965). "*Genuineness as Duality in Unity*". Tese de Diploma de Analista no Instituto C.G. Jung, Zurich, 1965.

_____ (1983). Uma Teoria Arquetípica da História. O Mito Cristão como Principal Símbolo Estruturante do Padrão de Alteridade na Cultura Ocidental. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. Petrópolis, 1983, nº1, pgs. 120-177.

ENGELS, Friedrich (1884). *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

FREUD, Sigmund (1900). *A Interpretação dos Sonhos.* Obras Completas. Rio de Janeiro: Ed. Imago, Vols. 3 e 4, 1972.

FREUD, S e JUNG, C.G. *Letters*. Carta 139, 16/04/1909. Editora William McGuire& Routledge& Kegan Paul, London, 1974.

JONES, Ernest (1953). *The Life and Work of Sigmund Freud*. New York: Basic Books, 1953. vol. 1, pg. 322.

JUNG, C. G. (1950). *Aion.* Obras Completas. São Paulo: Ed. Vozes, vol. 9 Parte II, 1982.

_____ (1959). *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 6ª edição, 1975, pg. 19.

KERÉNYI, Carl (1959). *The Heroes of the Greeks*. London: Thames & Hudson, 1959.

MORGAN, Lewis Henry (1877). *Ancient Society*. Chicago: Charles H. Kerr.